



ENCONTRO 15

«Deus escuta os que são humildes.»

Texto Bíblico: Lucas 18,9-14

1. ORAÇÃO INICIAL

Animador(a): Iniciemos o nosso encontro traçando sobre nós o sinal da Santa Cruz:

Todos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Leitor(a) 1: Sejam todos e todas muito bem-vindos e bem-vindas! Estamos no décimo quinto encontro de nossos CÍRCULOS BÍBLICOS. Já estamos conhecendo melhor Jesus Cristo e o seu Evangelho, a sua Boa Notícia. Jesus nos afirmou que “quem tem a última palavra da vida não é a lei, que julga nossas condutas, mas a misericórdia de Deus, que acolhe nosso pedido de compaixão. Existe algo que precisamos aprender e ensinar: diante de Deus devemos viver não apresentando nossos méritos, mas invocando sua misericórdia.”¹

Leitor(a) 2: Cheios de confiança no amor misericordioso do Pai, oremos todos juntos:

Todos: Senhor, não tens mãos, / tens apenas as nossas mãos /
para construir um mundo novo, / onde floresça a paz e a justiça. / Senhor, não tens pés, /
tens apenas os nossos pés / para pôr em marcha os oprimidos / pelo caminho da liberdade.
Senhor, não tens lábios, / tens apenas os nossos lábios / para proclamar aos pobres /
a boa notícia de Deus. / Senhor, não tens rosto, / tens apenas nosso rosto /
para alegrar os tristes / e serenar fracassados e perdidos. /
Senhor, nós somos teu Evangelho, / o único Evangelho que nossos irmãos podem ler /
se em nossa vida há palavras e atos solidários /
para todos os que sofrem esquecimento e necessidade. /
Senhor, / aqui tens nossas mãos, / nossos pés, / nossos lábios, / nosso trabalho, / nosso
tempo, / nossa vida... / tudo o que somos e temos. / Aqui estamos, / Senhor, / conta conosco!
(Anônimo).²

2. LEITURA DO TEXTO EVANGÉLICO

Orientações:

Fazer uma **primeira leitura** em voz alta (*por alguém que se preparou*) do texto evangélico de: **Lucas 18,9-14**.

Em seguida, cada um dos participantes **relê o mesmo texto**, em **silêncio**, em sua própria Bíblia.

Animador(a): O Evangelho proposto para este nosso décimo quinto Círculo Bíblico toca em um aspecto muito importante de nossa vida religiosa. Afinal, o que nos move a praticar a nossa fé? Seria simplesmente o desejo de ser reconhecido como bom, como pessoa religiosa, cumpridor das normas a fim de obtermos a salvação? Ou seria algo que brota do mais profundo de nós

¹ José Antonio Pagola. **Grupos de Jesus**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2017, p. 124.

² José Antonio Pagola. **Grupos de Jesus**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2017, p. 130.

mesmos, fruto de uma sincera convicção e adesão a Deus? Por isso, após termos lido o texto evangélico, dirijamos algumas perguntas para o mesmo, a fim de melhor o compreendermos.

Conversando com o texto evangélico:

- a) Para quem Jesus conta essa parábola? (*Versículo 9*)
- b) Quais eram as duas pessoas que subiram ao Templo para orar? (*Versículo 10*)
- c) Como o fariseu se dirigia a Deus em sua oração? (*Versículo 11*)
- d) O que o fariseu diz fazer em sua oração? (*Versículo 12*)
- e) Como o publicano/cobrador de impostos se dirigia a Deus em sua oração? (*Versículo 13*)
- f) Qual oração agradou mais a Deus, segundo Jesus? (*Versículo 14a*)
- g) Qual é a lição de vida que Jesus tira da parábola que ele nos contou? (*Versículo 14b*)

3. MEDITAÇÃO

Animador(a): Após termos mergulhado de modo mais atento no texto do Evangelho, vamos refletir mais e melhor a respeito do mesmo.

(Atenção: *alguém que se preparou, lê pausadamente o texto da reflexão abaixo.*

Importante: *seria muito melhor se alguém pudesse **expor vividamente** o conteúdo principal do texto abaixo, não lendo, mas **explicando**.)*

Deus escuta quem se entrega confiantemente à sua misericórdia

«Esta foi, sem dúvida, uma das parábolas mais desconcertantes de Jesus. De acordo com Lucas, Jesus a dirigiu a alguns que se consideravam “justos”, se sentiam seguros em sua própria religião e “desprezavam os outros”. Sem dúvida, a parábola é uma crítica a pessoas que se comportam assim. Mas o relato não é apenas uma história exemplar sobre a oração, porque nos convida a descobrir a misericórdia insondável de Deus.

No relato aparecem em cena três personagens; um **fariseu**, um **coletor de impostos** e **Deus**, que habita no templo. Não se fala só de dois homens que sobem para orar, mas se diz algo muito importante sobre a maneira como Deus reage quando escuta sua oração. **Como atuará Ele diante de duas pessoas de vida religiosa e moral tão diferente e oposta?**

Os que ouvem a parábola haviam peregrinado mais de uma vez a Jerusalém. Conhecem o templo. Todos o chamam de “casa de Deus”, porque ali habita o Deus santo de Israel. A partir dali ele protege e abençoa seu povo. Não é qualquer um que pode aproximar-se daquele lugar santo. Assim dizia um salmo que os peregrinos cantavam enquanto subiam ao templo: “*Quem subirá ao monte do Senhor ou quem permanecerá em seu santo lugar? Aquele que tem mãos inocentes e coração puro [...] Este receberá do Senhor a bênção e a justificação, de Deus, seu salvador*” (Salmo 24,3-5). O relato de Jesus desperta imediatamente o interesse e a curiosidade. Sobem ao templo um **piedoso fariseu** e um **desonesto coletor de impostos**. O que irá acontecer ali? Todos sabem como é habitualmente um “**fariseu**”: um homem religioso que cumpre fielmente a lei, observa estritamente as normas de pureza e paga escrupulosamente os dízimos. **Ele é um dos que sustentam o templo. Sobe ao santuário sem pecado:** Deus não pode senão abençoá-lo. Todos sabem também como é um “**coletor de impostos**”: um personagem que vive de uma atividade desprezível. Não trabalha para sustentar o templo, mas para arrecadar impostos e enriquecer. **Sua conversão é impossível.** Nunca poderá reparar seus abusos nem devolver às suas vítimas o que lhes roubou. **Ele não pode sentir-se bem no templo.** Não é seu lugar.

Jesus descreve em primeiro lugar a oração do fariseu. O homem ora de pé, seguro e sem temor algum. Sua consciência não o acusa de nenhum pecado. De seu coração brota espontaneamente o agradecimento: “*Meu Deus, eu te dou graças*”. Não é um ato de hipocrisia. **Tudo o que ele diz é real:** cumpre fielmente todos os mandamentos da lei; jejua todas as segundas e quintas

pelos pecados do povo, embora seja obrigatório fazê-lo só uma vez ao ano, no Dia da Expição; não só paga os dízimos obrigatórios dos produtos do campo (cereais, azeite e vinho), mas inclusive de tudo o que ele possui. **Com uma vida tão irrepreensível se sente seguro diante de Deus.** Não pertence ao grupo dos pecadores, ao qual naturalmente pertence o coletor de impostos, e o diz com orgulho: *“Não sou como os outros [...] nem como este coletor de impostos”*.

Ele tem razão. Sua vida é exemplar. Cumpre fielmente suas obrigações e até vai além. Não se atribui a si mesmo mérito algum; é Deus quem sustenta sua vida santa. **Se este homem não é justo, quem o será?** É um modelo de obediência a Deus. Quem poderá ser como ele? Ele pode contar com a bênção de Deus. Assim pensam certamente os que escutam Jesus.

A oração do “coletor de impostos” é diferente. Ele fica atrás. Sabe que não é digno de estar naquele lugar sagrado. Nem sequer se atreve a levantar os olhos do chão. **Bate no peito, porque reconhece seu pecado e sua vergonha.** Examina sua vida e não encontra nada de agradável para oferecer a Deus. Também **não se atreve a prometer nada.** Não pode restituir o que roubou a tantas pessoas cuja identidade ele desconhece. Não pode deixar seu trabalho de coletor de impostos nem mudar de vida. Não encontra saída melhor do que **abandonar-se à misericórdia de Deus:** *“Meu Deus, tem compaixão de mim, porque sou pecador”*. O pobre homem não faz senão reconhecer o que todos sabem. **Ninguém gostaria de estar em seu lugar.** Deus não pode aprovar sua vida de pecado.

De repente Jesus conclui sua parábola com uma **afirmação surpreendente:** *“Este coletor de impostos voltou para casa justificado, e aquele fariseu não”*. O homem religioso, que fez inclusive mais do que a lei pede, não encontrou favor diante de Deus. Pelo contrário, o **coletor de impostos**, que se abandona à sua misericórdia, sem comprometer-se sequer a mudar de vida, **volta para casa reconciliado com Ele.** Jesus pegou todos de surpresa. De repente abre-os para um mundo novo que rompe todos os esquemas. **Não estará Jesus ameaçando todo o esquema religioso do templo?** Que pecado cometeu o fariseu para não encontrar graça diante de Deus? E que méritos teve o coletor de impostos para sair justificado do templo? O Deus santo do templo teria confirmado o fariseu e reprovado o coletor de impostos. **Não é fácil aceitar o que Jesus diz.**

Será verdade que, diante de Deus, o fator decisivo não é a observância da religião, mas a **invocação confiante da misericórdia insondável de Deus?** Se é certo o que Jesus diz, já não há segurança para ninguém que confie apenas em seus méritos, por mais santo que ele se acredite.

Todos nós precisamos recorrer à compaixão infinita de Deus.

O coletor de impostos não pôde apresentar a Deus nenhum mérito, mas fez o mais importante: refugiar-se na sua misericórdia; por isso volta para casa transformado, reconciliado com Deus, “justificado”. **O fariseu, pelo contrário, decepcionou a Deus. Sai do templo como entrou: sem conhecer o olhar compassivo de Deus.**

Quando alguém se sente bem consigo mesmo e diante dos outros, se apoia em sua própria vida e não precisa de nada mais, ele corre o risco de viver numa **“falsa inocência”**. Pelo contrário, quando alguém se sente culpado e sem forças para mudar, não sente ele a necessidade de refugiar-se na misericórdia de Deus e somente na sua misericórdia?

Quando agimos como o fariseu, nós nos situamos diante de Deus a partir de uma religião na qual não há lugar para o coletor de impostos. Quando confiamos na misericórdia de Deus, como o coletor de impostos, nós nos situamos numa **religião na qual cabem todos.** Não será esta a verdadeira religião do reino de Deus? Existe algo de fascinante em Jesus: é tão desconcertante sua fé na misericórdia de Deus que não se torna fácil para nós crermos nele. **Provavelmente os que melhor podem entendê-lo são os que não têm forças para sair da sua vida imoral.**

Depois de ouvir nos últimos encontros as parábolas de Jesus, não sentimos nós o chamado a comunicar a Boa Notícia de Deus na sociedade e na Igreja? Não é apaixonante viver como

testemunhas deste Deus de misericórdia insondável? Isto não levaria todos nós a convivermos a partir de uma atitude de **maior compaixão recíproca?**»³

Animador(a): À luz do que o comentário que acabamos de ouvir e refletir nos disse, vamos nos fazer as seguintes perguntas. Primeiramente, façamos um profundo **silêncio**, ouvindo uma suave música de fundo:

- a) O Evangelho diz que Jesus contou a parábola do fariseu e do cobrador de impostos que foram ao Templo para “alguns que confiavam na sua própria justiça e desprezavam os outros”. Será que eu não me encontro entre esses fariseus, que se creem muito justos e melhores que os demais que não participam da minha comunidade? **(Não precisa compartilhar a sua resposta, guarde-a para si mesmo como um exame de consciência!)**
- b) “Quando me apresento diante de Deus para orar, qual é a minha atitude? É de proximidade ou distanciamento? É de confiança ou temor? É de humildade ou autossuficiência? É de abandono à sua misericórdia ou receio?”⁴ **(Não precisa compartilhar a sua resposta, guarde-a para si mesmo como um exame de consciência!)**
- c) Eu me identifico com a oração do cobrador de impostos? “Sinto necessidade de um Deus que salve minha vida? Por que não faço minha a oração do cobrador de impostos? Não me ajudaria a mudar minha atitude interior diante de Deus e diante dos outros?”⁵ **(Não precisa compartilhar a sua resposta, guarde-a para si mesmo como um exame de consciência!).**

4. PRÁTICA

Animador(a): Será que a nossa Igreja, muitas vezes, não se parece com um grupo de pessoas fechado entre quatro paredes, se achando mais santo e perfeito que o mundo de fora? Um grupo que sabe, no mais das vezes, apenas criticar e condenar tudo o que se vive e se faz no mundo “lá de fora”? Uma Igreja que, apenas, enxerga pecado em tudo e em todos? Por isso, surgem diante de nós as seguintes questões:

- a) O que, em nossa comunidade, deveria ser diferente para que pessoas que se sentem pecadoras, excluídas, afastadas da Igreja de Cristo pudessem se sentir mais atraídas e acolhidas? Que **gestos e atitudes** precisaríamos ter para irmos ao encontro dessas pessoas?
- b) Será que não somos, por demais, rígidos quando acolhemos pessoas que buscam a comunidade para batizar seus filhos, se casar no religioso, ingressar na catequese e assim por diante? É claro, que não podemos renunciar a certos princípios e valores cristãos que devem ser exigidos de todos que desejam seguir, verdadeiramente, Jesus Cristo. No entanto, muitas vezes, o primeiro contato dessas pessoas conosco não é positivo, afastando-as, ainda mais, do nosso convívio. Isso acontece ou não entre nós?
- c) O que podemos fazer para revalorizar um sacramento que é tão importante para nós, pecadores, mas que se encontra um tanto desprestigiado? Referimo-nos ao **Sacramento da Reconciliação**, popularmente conhecido como o **Sacramento da Confissão**, onde temos a oportunidade de fazer a experiência do cobrador de impostos da parábola.

*(Dar um espaço de tempo necessário para as pessoas conversarem em duplas ou trios.
Ao final, se recolhe as principais ideias surgidas nesse diálogo.)*

³ José Antonio Pagola. **Grupos de Jesus**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2017, p. 125-128 (grifos e destaques nossos).

⁴ José Antonio Pagola. **Grupos de Jesus**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2017, p. 128.

⁵ José Antonio Pagola. **Grupos de Jesus**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2017, p. 128.

5. ORAÇÃO

Animador(a): Chegou o momento de pormos em prática a atitude que o cobrador de impostos teve diante de Deus, na parábola contada por Jesus. Humildade, sinceridade, autenticidade, tudo isso agrada muito ao nosso Deus! Neste momento de oração, vamos todos bater no peito, como o cobrador de impostos, admitindo nossas faltas, mas, ao mesmo tempo, manifestando nossa total e irrestrita confiança no Amor e na Misericórdia de nosso Deus. Cada um está convidado e convidada a se manifestar em oração...

Após a oração de cada pessoa, reza-se o seguinte refrão:

Todos: “Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!”

(Dar tempo para que as pessoas orem a Deus — Motivar bastante!!!)

Animador(a): Agora, concluindo nosso momento de oração, façamos nossas as sinceras palavras do salmista, proclamando juntos estes Salmos:

Todos:

Tem piedade de mim, / ó Deus, / segundo a tua misericórdia; / segundo a tua imensa compaixão, / apaga a minha iniquidade... / e purifica-me do meu pecado.

(Salmo 51,3-4)

Das profundezas, / Senhor, / clamo a ti; / Senhor escuta a minha voz! / Senhor, / se lemares em conta as culpas, / Senhor, / quem ficará de pé? / Porque contigo está o perdão.

(Salmo 130,2-4)

Minhas culpas subiram acima da minha cabeça, / e como carga pesada me oprimem demais. / Vem depressa em meu socorro, / Senhor, / minha salvação!

(Salmo 38,5.23)

6. ENCERRAMENTO

Animador(a): Em nome de todos os presentes, eu agradeço, de coração, a família ... que cedeu a sua residência para a nossa reunião de hoje.

(Se houver algum aviso da paróquia ou quase-paróquia, pode ser transmitido neste momento.)

O nosso próximo encontro, será ... (**local**), no dia ... (**data**), às ... **horas**. Contamos com a presença de todos vocês!

Todos somos convidados a ler o texto evangélico de **Marcos 3,1-6**, em preparação ao nosso próximo encontro. Por gentileza, anotem!

Encerrando o nosso encontro, vamos rezar a AVE-MARIA e, em seguida, darmos o **abraço da paz** em cada um de nossos irmãos e irmãs presentes.

*(Se o grupo desejar, pode-se cantar a música: “**Renova-me, Senhor Jesus**”,
clique aqui: <https://www.letras.mus.br/aline-barros/1343760/>)*